

Paulo, peguem mais 4 (quatro) em outro envelope. I'll write you later. Mande mais cópias. As que, você mandou já foram publicadas. Cias. Obrigado a todos.

Vitória (ES) — Sábado, 22 de Março de 1969

BR. JBES. C 734

AS VINHAS DA IRA - 1968⁴

Quando, em 1939, John Steinbeck publicou o seu romance AS VINHAS DA IRA, descrevendo a situação deprimente em que viviam os agricultores de Oklahoma, numa área das mais secas dos Estados Unidos, que, na década dos 30, muito se assemelhava ao nosso árido e desprovido sertão nordestino, a meca dos habitantes daquela região era a Califórnia: lá encontrariam terra fértil, a "terra prometida". A Califórnia clamava por mãos que fossem cultivar seu solo!

Ao chegar à Califórnia, a experiência dos personagens do romance de Steinbeck não foi animadora. O pagamento pelo trabalho no campo não dava para a manutenção; as provações eram grandes demais para as famílias retirantes, e a terra prometia tornara-se apenas uma ilusão a mais para aquelas vítimas da depressão da década de 1930.

Agora, todo mundo sabe que a Califórnia realmente se transformou num paraíso. Basta Hollywood para que sua propaganda seja completa... E há ainda San Francisco, com sua Golden Gate Bridge, o famoso Yosemite Park, Los Angeles, e... Disneylândia!

Em 1968, AS VINHAS DA IRA de Steinbeck passaram a ser um romance histórico, regional, sentimental e detalhado de uma época. Por que, então, de repente, tantos cartazes pelas ruas dizendo: NÃO COMPRE UVAS. Por que a fotografia de uma criança mal nutrida, num canto de quarto sujo, sobre cama tísica, ao lado de uma lata de lixo, pés descalços, olhos fundos, e mãos cruzadas, em desalento?

Sob a fotografia da menina esfarrapada e faminta, os dizeres: CADA UVA DA CALIFORNIA QUE V. Sa. COMPRA AJUDA A MANTER NO LAR DESTA CRIANÇA. O texto que acompanha esta manchete diz que a mão de obra na agricultura da América não pede caridade nem pena dos seus concidadãos. Apenas espera o que lhe é devido. Afirma o cartaz (publicado pelo Sindicato AFL-CIO de Washington, D.C.) que as Vinhas de 1930 ainda proliferam na Califórnia.

Há três anos que os trabalhadores das vinhas vêm fazendo greve. Vêm lutando para poder dar aos seus filhos as mesmas oportunidades que os outros cidadãos americanos gozam. Frequentemente essas crianças não podem completar curso primário (que consiste em seis anos) para ajudar na plantação ou colheita de uvas. Seus pais, se trabalharem 40 horas por semana, perceberão apenas US\$ 2.400,

(Dois mil e quatrocentos dólares) por ano!

É realmente triste ver este quadro americano. É justa a causa desses lavradores e do seu sindicato. É inconcebível que as vinhas da Califórnia tenham feito tanta gente prosperar, e que estes tenham se esquecido daqueles que usam a sua mão para fazê-las crescer, vingar, e para colher seus frutos. Colhidos os frutos, esses lavradores passam—nos a outras mãos... Mãos que recebem o fruto, gozam dele e não olham para trás.

Mas o que dói mesmo, leitor amigo, é ler esta lamúria, compreender seu apelo, constatar suas reivindicações e compará-las àquelas dos realmente destituídos que habitam o nosso Brasil. Ah! isso dói. Dói mais que dente de homem alimentando—se nos seios de Rosa A Rosa de Sharon, mãe enlutada, de filho recém-sepultado, dos idos de 30!

PAULO DE PAULA